

VARIEDADES DE POPULISMO: OS CASOS CONTEMPORÂNEOS DE TRUMP, BOLSONARO e MILEI

Dominique Ferreira Lepinsk Romio Silva(1)

Maria Clara de Queiroz Machado(2)

Ramon de Oliveira Gomes(3)

RESUMO: Populismo é um conceito em disputa dentro do universo acadêmico. As fronteiras do fenômeno são constantemente realocadas, com o objetivo de abarcar no mesmo conceito diversos políticos, que estão distantes no espectro ideológico. Este artigo busca recapitular diferentes formas em que o conceito de populismo foi utilizado ao longo do século XX e começo do século XXI, a fim de entender as particularidades históricas, que distinguem cada uma das fases. É apresentada a variedade mais contemporânea do populismo, o populismo reacionário, suas características e especificidades. Para exemplificar, são analisados três governos que se encaixam dentro dessa nova categoria: Donald Trump (2017-2020), Jair Bolsonaro (2019-2022) e Javier Milei (2023-2024). Por fim, são exploradas suas semelhanças discursivas e seu efeito cascata dentro do continente americano.

Palavras-chave: populismo; variedades de populismo; populismo reacionário; Bolsonaro; Trump; Milei.

(1) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(2) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(3) Mestrando (PPGCP/UnB), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (UnB)

INTRODUÇÃO

Há algo surpreendente na progressiva aceitação de líderes populistas de extrema direita nos anos mais recentes (Lynch e Cassimiro, 2022). A convergência de pautas, que hoje se observa em relação a viabilidade desse tipo de fenômeno mais radicalizado, contrasta fortemente com o ceticismo generalizado sobre a expectativa de êxito dos governos e partidos de esquerda há algumas décadas.

De acordo com Lynch e Cassimiro (2022), diversos países apresentam um terreno fértil para o surgimento de líderes populistas reacionários por conta (i) de uma considerável parcela da população que acredita que a classe política é corrupta, (ii) do desejo de resolver a corrupção de forma rigorosa e simplista (iii) e de uma presença significativa de imigrantes. Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei são, talvez, os casos mais notáveis da atualidade, visto que gabaritam todos os critérios (Lynch e Cassimiro, 2022).

Mobilizando a literatura, este artigo pretende abordar o tema da variedade de populismo no continente americano e analisar os casos mais recentes. Trata-se de apresentar as variedades empíricas do populismo, em especial o populismo de extrema direita que assumiu considerável impor-

tância ao longo da última década. Os casos analisados serão: Donald Trump nos Estados Unidos da América (EUA), Jair Bolsonaro no Brasil e Javier Milei na Argentina. Além disso, é importante ressaltar que não há uma única definição conceitual do fenômeno populismo, uma vez que as suas noções não são estáticas e ainda estão em disputa (Lynch e Cassimiro, 2022).

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DO POPULISMO NA AMÉRICA

O populismo é um fenômeno complexo e multifacetado que se adapta a diversas formas no tempo e espaço. É um discurso que, inclusive, pode ser observado em todos os níveis do espectro ideológico da política. De acordo com De La Torre (2017), a América Latina é uma região geográfica propensa à proliferação de líderes populistas, tendo experienciado os três subtipos do populismo que ele categoriza em seu texto como: clássico, neoliberal e radical. Segundo o autor, essa região possui uma alta propensão para o surgimento de líderes populistas, devido a uma crise na representação política pela fragilidade institucional, gerada por falhas estruturais nos sistemas partidários e eleitorais (De La Torre, 2017).

Essa propensão sobre a oferta e demanda por líderes populistas na América Latina é parte de uma preocupação mais ampla de fatores socioeconômicos e políticos. Isso inclui a desigualdade econômica, corrupção, injustiça social e, principalmente, a insatisfação geral com o *status quo* (Mudde, 2004; Luna e Rovira-Kaltwasser, 2014). Dessa forma, a oferta e a demanda por líderes populistas na América Latina estão interligadas: os políticos oferecem soluções radicais e simplistas para problemas complexos e encontram apoio entre parte da população insatisfeita com o *establishment* político e econômico, criando um ciclo vicioso de oferta e demanda que justifica o crescimento do populismo na região (De La Torre, 2017).

No entanto, apesar da análise de De La Torre (2017) ter contribuído significativamente para o debate, seu texto não consegue contemplar de forma abrangente as experiências populistas das últimas décadas. As categorias de populismo neoliberal e radical, apesar de compartilharem algumas semelhanças com os novos líderes populistas da extrema direita, ainda carecem de uma contextualização mais adequada e contemporânea. Essa noção será expressa a partir dos exemplos dos presidentes Donald Trump, Javier Milei e o ex-presidente Jair Bolsonaro.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO CONCEITO

O conceito de populismo, além de ser polissêmico, é polimórfico, uma vez que, a depender do contexto inserido, ele se modifica e o seu significado é disputado por diferentes grupos de interesse. Desse modo, para estipular uma linha de raciocínio, será utilizado o significado dado pelo sociólogo, especialista em populismo na América Latina, Carlos de La Torre (2017), que entende o populismo como um discurso maniqueísta que divide a política e a sociedade como a luta entre dois campos irreconciliáveis e antagônicos - o povo probo e a elite dominante. Assim, entende-se elite como o grupo corrupto e dominador que tem como objetivo lesar a soberania popular, alienando o povo puro e honesto de seus direitos (Aslanidis, 2016).

Tendo em vista os diversos contextos e cenários onde o populismo se instaurou, é perceptível que os líderes populistas, ao almejarem o poder político, frequentemente se mostram propensos a desafiar os princípios e instituições fundamentais da democracia liberal assim que ascendem ao

poder (Lynch e Cassimiro, 2022). Esta tendência é caracterizada pela sua disposição em confrontar as estruturas democráticas estabelecidas, com o intuito de consolidar sua autoridade, restringir a autonomia dos movimentos sociais, da sociedade civil e desafiar a independência da imprensa privada (De La Torre, 2017). Ao implementarem uma abordagem populista, tais líderes arquitetam identidades coletivas vigorosas entre as massas, estabelecendo uma dinâmica de mobilização hierarquizada que, frequentemente, entra em contradição com as demandas autônomas e diversificadas das organizações que compõem os movimentos sociais (De La Torre, 2017).

O período do populismo clássico predominou entre as décadas de 1930 e 1940 na América Latina, e foi marcado por uma série de fenômenos políticos e sociais que ecoam até hoje. Neste contexto, figuras proeminentes como Juan e Eva Perón (Argentina), Getúlio Vargas (Brasil), Lázaro Cárdenas (México), Victor Raúl Haya de la Torre (Peru) e José María Velasco Ibarra (Equador) emergiram como líderes carismáticos que capitalizaram a insatisfação popular com as elites estrangeiras e as estruturas oligárquicas (De La Torre, 2017).

O desenrolar da primeira onda do populismo no continente americano fundamentava-se na exaltação das massas como a personificação dos valores e tradições nacionais autênticos em contraposição às elites estrangeiras. Desse modo, por meio de comícios e manifestações de massa, os líderes políticos buscavam conferir um sentido de inclusão e dignidade aos segmentos marginalizados da sociedade, enquanto expandiam o direito de voto para consolidar sua base de apoio. Assim, uma das características marcantes desse tipo de populismo foi sua relação ambivalente com os princípios da democracia liberal (De La Torre, 2017). Por um lado, houve uma democratização gradual à medida que grupos historicamente excluídos eram integrados ao sistema político. Por outro, os líderes populistas desconsideravam frequentemente as restrições constitucionais liberais que limitavam o poder do Estado e garantiam a autonomia da sociedade civil, optando por uma abordagem mais autoritária.

O surgimento do populismo clássico na América Latina foi fortemente influenciado pela crise das estruturas oligárquicas, combinando constituições liberais com práticas patrimoniais em sociedades predominantemente rurais. Ademais, o processo de urbanização e industrialização contribuiu para a ascensão de líderes populistas, que buscavam políticas nacionalistas e redistributivas para enfrentar as crescentes demandas por justiça social (Di Tella, 1997). Assim, o legado do populismo clássico é complexo, marcado por uma mistura de inclusão social e autoritarismo político. Dessa forma, embora tenha contribuído para a ampliação da participação política e o reconhecimento dos direitos dos grupos marginalizados, também levantou questões profundas sobre a sustentabilidade da democracia em sociedades marcadas pela polarização e pela concentração de poder (De La Torre, 2017).

O fenômeno do populismo neoliberal, que emergiu na década de 1990 em nações onde o direito ao voto já era amplamente difundido e os cidadãos estavam organizados por partidos políticos, apresentou uma abordagem distinta em relação ao populismo clássico. Liderado por figuras como Carlos Menem, na Argentina, Alberto Fujimori, no Peru, e Fernando Collor, no Brasil (De La Torre, 2017). Outrossim, o populismo neoliberal teve em vista responsabilizar os políticos tradicionais pela crise econômica, retratando-os como oligarquias que haviam usurpado ilegalmente a soberania popular; uma de suas características era a tentativa de fragmentar as estruturas tradicionais de classe, renovando as elites econômicas e promovendo a ascensão de empresários sem

reconhecimento social.

Além disso, essas figuras adotaram políticas que abandonaram o nacionalismo em favor da integração econômica global, redução do papel do Estado na prestação de serviços públicos, promovendo políticas de desregulamentação e privatização; esses líderes abandonaram as políticas estadistas de seus predecessores. No entanto, o populismo neoliberal não foi uniforme em sua aplicação ou impacto, enquanto alguns líderes, - como Fujimori - obtiveram sucesso no exercício e na manutenção do poder, outros enfrentaram desafios significativos, como o impeachment do Collor no Brasil.

O surgimento do populismo radical no início do século XXI na América Latina foi marcado por uma alta rejeição às políticas neoliberais e à hegemonia das elites políticas. Liderados por figuras como Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa, no Equador, Hugo Chávez e posteriormente Nicolás Maduro na Venezuela, esses líderes buscaram remodelar o panorama político, econômico e social da região (De La Torre, 2017).

Uma das principais características dessa onda do populismo foi sua constante crítica às elites locais e estrangeiras que implementavam políticas neoliberais que exacerbavam a desigualdade social na região. Os líderes populistas radicais prometeram acabar com a influência dessas elites e devolver a soberania nacional, que consideravam entregue a instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o governo norte-americano. Assim, esses líderes adotaram posturas de antiglobalização e anti-Estados Unidos em sua retórica e estratégias de política externa, buscando restabelecer o interesse do Estado-nação e construir um mundo multipolar (De La Torre, 2017).

No âmbito interno, esses políticos defenderam a intervenção do Estado na economia para redistribuir a riqueza e reduzir a pobreza e a desigualdade, implementando programas sociais para atingir rapidamente os pobres e aumentar sua popularidade. No entanto, esses programas sociais muitas vezes careciam de eficiência, transparência e institucionalização, sendo politizados e ligados à personalidade do presidente, o que os tornava vulneráveis às mudanças políticas e à rotatividade eleitoral.

Durante a década de 2010, uma corrente política foi desenvolvida ao redor do mundo, que elevou aos cargos de maior *status* na burocracia, políticos e *outsiders* – figuras estrangeiras do meio político, que ascendem ao poder sem histórico na área (Lynch e Cassimiro, 2022) -, com ideologias moralmente conservadoras e atitudes populistas. Dessa forma, na tentativa de continuar as classificações, o populismo radical não parece a melhor alternativa para denominar o período mais recente da política, muito menos as categorias clássicas ou neoliberais de De La Torre (2017). Portanto, essa nova onda será referida como populismo reacionário - termo popularizado pelos autores Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro, na obra “O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo” (2022), que atingiu diferentes nações e continentes.

Lynch e Cassimiro (2022) apresentam o cerne do surgimento dessa nova categoria. A conjuntura ideal foi construída a partir de fatores como a insatisfação popular, a desmoralização do sistema político, e a ressurgência do conservadorismo na política - devido aos escândalos de corrupção, que forjou a ideia de necessidade de um único e verdadeiro representante do povo. Sendo assim, essa categoria abrange *outsiders* políticos que ressuscitam alguns princípios da vertente neoliberal, an-

tagonizam a tradicional classe política, dão ênfase ao nacionalismo e à utopia regressiva. Portanto, líderes como Trump, Bolsonaro e Milei aproximam-se da categoria reacionária (Lynch e Cassimiro, 2022), uma vez que os significativos vazios de povo e elite são preenchidos de acordo com essa nova categoria.

DA CAMPANHA À ASCENSÃO DE DONALD TRUMP

O presidente estadunidense Donald Trump e sua retórica podem ser analisadas como perfeitos exemplos da construção de um mandato populista reacionário. A campanha eleitoral de Trump, em 2016, foi analisada por Oliver e Rahn (2016) como um exemplo impecável de um momento populista. O momento populista não é apenas o uso da retórica, mas sua projeção em uma brecha temporal positiva para um líder apresentar seu discurso a uma gama de eleitores abertos à sua perspectiva; permitindo que a performance populista garanta a sua eleição.

Donald Trump pontua altamente em todas as premissas básicas da categoria – o neoliberalismo econômico, o conservadorismo social e o discurso agressivo, porém saudosista. No que tange o uso de um momento propício, as crises econômicas constroem o terreno ideal para o desabrochar da narrativa populista (De La Torre, 2017). Nesse contexto, Oliver e Rahn (2016) apontam que, para a ascensão de Donald Trump, nenhum fator foi tão proeminente para sua aceitação e crescimento político quanto a existência de uma crise de representação¹.

Essa perspectiva é corroborada por autores como Brown (2019) que explora a ideia de que o cenário político contemporâneo é marcado por uma busca por líderes neoliberais conservadores; antes de Trump, no Partido Republicano não havia uma figura que suprisse essa demanda. A partição tradicionalmente composta, em sua maioria, por um perfil branco, agrícola e de classe média (Oliver e Rahn, 2016) impulsionada pela vontade de expressão de seus valores - que não tinham evasão no cenário político - viu Trump como uma aposta e um recurso. Esse coletivo tornou-se a Pátria Amada² de Trump.

Nesse viés, Trump aperfeiçoou sua performance, com o objetivo de apelar diretamente para essa coletividade que já criava aversão à maneira que a política estava sendo desenvolvida. O plano político de Trump passou a pautar de forma sistemática as preocupações dessa classe. A taxa de desemprego, por exemplo, era uma preocupação central, logo, Trump agregou a ela o peso e o perigo da imigração - sua campanha popularizou-se com a promessa de um muro na fronteira com o México, que solucionaria essa problemática. Segundo Lynch e Cassimiro (2022), sua campanha foi construída sob noções nacionalistas, xenofóbicas, conspiracionistas e conservadoras, apenas refletindo as crenças da pátria amada quanto a decadência da “boa e velha América”³.

A delimitação da pátria amada e seus rivais gera, consequentemente, a criação de uma mentalidade dicotômica. Trump, a partir desse ponto, constrói seu perfil, não apenas representante dos bons cidadãos americanos, como parte do povo puro (Mudde, 2004). Essa perspectiva é apoiada por

¹Tradução livre de *Representation gap*; consultar Oliver e Rahn (2016).

²Tradução livre de *Heartland*, refere-se ao grupo diretamente vinculado ao líder populista; consultar Mudde (2004).

³ Frase faz referência ao slogan de campanha de Donald Trump “*Make America Great Again*”.

uma gama de fatores; como o posicionamento do presidente, tal qual um *outsider* político - distanciando-se dos políticos estabelecidos. Estratégias de comunicação através das redes sociais e uso de notícias falsas antagonizaram a imprensa liberal e os intelectuais progressistas; reforçado com o uso da linguagem de 'nós' *versus* 'eles'. Ademais, outro fator que o aproxima com o eleitorado é a linguagem utilizada em seus discursos; sua fala é direta, de sintaxe simples e vocabulário popular – muito próxima da fala de um cidadão do povo (Oliver e Rahn, 2016).

De modo geral, diversas ideias que são vinculadas em suas falas retomam a crise social e a decadência dos valores tradicionais, que assolam a pátria e são constantemente ignoradas pelas elites em controle (Oliver e Rahn, 2016). Nesse processo, o líder constrói um grupo interno homogêneo e disposto a se mobilizar em nome dessa causa, que almeja o retorno daquelas ou daquilo que consideram como boas morais, luta pela liberdade irrestrita e pela soberania do povo.

Essa performance não é limitada pela estabilidade do sistema político em vigor (De La Torre, 2017). Os EUA não adentram a categoria de país em desenvolvimento - que De La Torre (2017) acredita ser o âmbito central de eclosão de populistas - e mesmo com uma constituição e um sistema institucional centenário, o grande representante da democracia liberal ocidental foi palco de um ideal líder populista. Trump não apenas ascendeu ao poder, mas desenvolveu um modelo demagógico populista reacionário. Esse modelo foi replicado no Brasil por Bolsonaro e na Argentina por Milei, que adotaram a mesma “guerra cultural” (Lynch e Cassimiro, 2022) como meio de desmoralizar o prestígio das elites políticas e culturais. Promovendo, assim, a confusão, a dissonância cognitiva e a inversão informacional (Castro Rocha, 2023).

No que verte a ideia de radicalismos da extrema direita, entende-se que Donald Trump inaugurou a categoria do populismo reacionário e expandiu exponencialmente o alcance da retórica. Lynch e Cassimiro (2022) exploram a maneira que o atentado de 6 de janeiro de 2021, em que apoiadores de Trump invadiram o Capitólio, acrescentou a modalidade “golpe de estado” às características do populismo reacionário. Nesse âmbito, a violência é utilizada como uma ferramenta para o ressuscitar da democracia e da liberdade individual, enterradas sob instituições corruptas. Portanto, compreende-se que a visão de De La Torre (2017) não previa a ampla aderência e projeção que o populismo reacionário viria a atingir.

RESPOSTA POPULISTA DE JAIR BOLSONARO À PANDEMIA DE COVID-19

Desde o momento em que a gravidade da Covid-19 foi reconhecida, a resposta à pandemia variou consideravelmente entre os diferentes governos. Em alguns casos, líderes populistas minimizaram a gravidade do vírus, desconsiderando as medidas básicas de segurança e adotando posturas negacionistas. O ex-presidente Jair Bolsonaro recorreu a discursos tipicamente populistas para disseminar sua posição contra as instituições democráticas, e influenciar na opinião pública, intensificando a polarização política e a guerra cultural e seus impactos na população brasileira (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Dessa forma, as respostas de Bolsonaro à pandemia foram apoiadas por uma minoria expressiva que compartilhavam suas posições negacionistas (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Entretanto, os autores apontam que esse apoio e adesão ao bolsonarismo é influenciado principalmente pelas percepções de mobilidade social; ou seja, pessoas que ascenderam socioeconomicamente estavam mais propensas a aderir a retórica populista reacionária de Bolsonaro. Por

outro lado, aquelas que sofreram mobilidade social descendente tenderam a se afastar dos seus posicionamentos adversos (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021).

Bolsonaro desorganizou a resposta à pandemia de duas maneiras. De forma teórica, Bolsonaro adotou um discurso que minimizava a gravidade do vírus, questionava a necessidade do isolamento social e incentivava o relaxamento das medidas de proteção; objetivando antagonizar a comunidade científica e as instituições de saúde. Na prática, o ex-presidente defendeu a automedicação com o uso de remédios contraindicados, como a cloroquina. Além de dismantelar as coordenações das políticas públicas de saúde, causando uma alta rotatividade no cargo de Ministro da Saúde, além de contestar as restrições aplicadas pelos governadores, que apresentavam políticas alinhadas com a Organização Mundial da Saúde (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021).

A performance populista reacionária de Bolsonaro ficou exposta a partir dessas duas práticas; para seus apoiadores, ele estava agindo pelo “bem maior” (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Essa fragilidade crônica caracterizada pela fragmentação política e falta de uma representatividade genuína, possibilitou a ascensão de *outsiders* políticos, como Bolsonaro (Lynch e Cassimiro, 2022). O contexto de crise global da pandemia de Covid-19 foi um fator que maximizou os efeitos práticos da retórica reacionária.

A ASCENSÃO DE JAVIER MILEI NA ARGENTINA

A ascensão de Javier Milei à presidência da Argentina, em 2023, representa um marco na política latino-americana, consolidando a emergência da retórica populista reacionária. Libertário e antissistema, Milei construiu sua carreira política a partir de uma forte presença midiática, marcada por ataques à “casta política” e defesa do livre mercado radical (Pérez-Díaz; Arroyas Langa, 2025). Sua eleição foi diretamente impactada por Donald Trump e Jair Bolsonaro, cujos estilos e estratégias políticas ajudaram a moldar tanto o discurso quanto o imaginário político em que Milei se inseriu (Heinisch *et al.*, 2024).

Milei, assim como Trump, surgiu publicamente na mídia. Ele construiu sua carreira política virtualmente através das redes sociais e das suas participações em *Talk Shows*, onde suas opiniões polêmicas, marcadas pelo nacionalismo econômico e confronto com instituições democráticas ganharam grande visibilidade, em meio a um cenário de agitação política e social, pela forma informal e agressiva que sua fala ficou conhecida (Pérez-Díaz; Arroyas Langa, 2025).

O presidente norte-americano o parabenizou e o encorajou a “tornar a Argentina grande novamente” — uma adaptação direta do slogan trumpista “Make America Great Again”. Essa identificação com Trump reforçou o apelo de Milei entre eleitores desiludidos com o *establishment*, especialmente os jovens, grupo no qual teve forte desempenho. No contexto regional, Jair Bolsonaro serviu como modelo e aliado de Milei, tanto no estilo quanto na retórica *antiestablishment* e no conservadorismo sociocultural (Retamozo, 2025); ambos compartilharam estratégias de comunicação digital agressivas, críticas ao “globalismo”. O antipetismo que impulsionou Bolsonaro foi reproduzido na Argentina como antiperonismo (Retamozo, 2025), e Milei adotou a mesma tática de demonizar adversários como inimigos da liberdade e do progresso.

O apoio de Trump e Bolsonaro, mais do que simbólico, funcionou como uma legitimação internacional do projeto político de Milei, conferindo-lhe peso entre setores da direita global e en-

corajando alianças regionais. Isso foi particularmente importante em uma campanha marcada pela polarização, pelo colapso da economia argentina e pela fadiga da população com os partidos tradicionais. Ao se apresentar como “o único capaz de destruir o sistema”, Milei encontrou eco em um eleitorado que já havia sido sensibilizado por discursos semelhantes em outros países (Heinisch *et al.*, 2024). Assim, a eleição de Milei pode ser compreendida como parte de uma onda transnacional de líderes populistas de direita, que se utilizam de retórica antissistema, redes de apoio internacionais e ataques sistemáticos às instituições democráticas como forma de galvanizar apoio popular em contextos de crise (Heinisch *et al.*, 2024). De qualquer forma, sua ascensão já provou que, em tempos de desespero, soluções extremas – e líderes disruptivos – podem surgir quando menos se espera.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto, as três linhas desse fenômeno descritas por De La Torre (2017), não são capazes de descrever os líderes contemporâneos descritos; precisando de uma nova vertente teórica. O desenvolvimento da categoria de populismo reacionário utilizou dos valores ideológicos da extrema-direita neoliberal, para vilanizar discursos progressistas e, a partir dessa dicotomia, expandir seu alcance.

A aparição de líderes, como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei, reflete essa crescente tendência dos últimos anos que é impulsionada por um cenário de crise socioeconômica e de distanciamento dos cidadãos em relação aos atores políticos tradicionais. Compreende-se, então, que o populismo reacionário aborda uma nova categoria de ‘Elite’, que se trata de uma elite intelectual; visto que parte do apelo dessa nova categoria é o tradicionalismo, o conservadorismo e a descrença em autoridades.

Sendo assim, as consequências são claras: uma escalada na radicalização e no endosso à violência política, a construção de realidades paralelas através da informação com o apoio do conspiracionismo e a infiltração ideológica em áreas chave da administração pública, sobretudo nos ramos judiciário e de segurança (Lynch e Cassimiro, 2022). Tudo isso culmina na contínua descrença dos pilares essenciais da democracia, do funcionamento das instituições e dos poderes estabelecidos no cumprimento de suas responsabilidades. De modo mais conciso, o populismo reacionário (Lynch e Cassimiro, 2022) estreia uma perspectiva mais extremista e radicalizada na aplicação do discurso.

Ademais, não só a bibliografia oferece uma interpretação mais contemporânea do populismo, como a análise de certos caracteres dos governos apresentados permite a compreensão empírica dessa performance. Existem limitações ao trabalho que foi desenvolvido, em vistas do quão recente são determinados eventos e o andamento do governo de Javier Milei e do segundo mandato de Donald Trump. Entretanto, é possível visualizar a maneira que o fenômeno foi posto em prática de modo cascata dentro do continente americano e como essa articulação no âmbito internacional apenas corroborou para a legitimação e promoveu apoio recíproco em relação ao negacionismo e à abordagem autoritária e simplista de governança.

No que vertem futuras abordagens deste tema, existem diversas correlações que podem ser exploradas. O populismo reacionário firmou raízes nessas sociedades que experienciaram a lideran-

ça desses populistas de extrema direita; as heranças desse tipo discursivo em parâmetro subnacional se mantêm sem investigações; e, apesar de Bolsonaro não estar no poder, ainda é perceptível a sua presença nas esferas políticas e sociais (De Azevedo, 2025). Além disso, cabe ser explorada a expansão do fenômeno em outras localidades; como as ferramentas psicossociais implementadas que ajudam na vinculação e aceitação da retórica pelo eleitorado e o modo que isso, não apenas permite a eleição, como garante lealdade de parte significativa da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. *Political Studies*, v. 64, n. 1S, p. 88–104, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo. São Paulo, Editora Politeia, 2019.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 192 p., 2023.

DE AZEVEDO, Daniel A. et al. Crisis of Democracy and Violent Populism: The Invasion of Praça dos Três Poderes on January 8, 2023, in Brazil. *Society*, p. 1-17, 2025.

DE LA TORRE, Carlos. Populism in Latin America. Edited by Cristóbal Rovira Kaltwasser et al. Oxford Handbooks Online, Oxford University Press, 6 Nov. 2017.

DI TELLA, Torcuato S. Populism into the twenty-first century. *Government and opposition*, v. 32, n. 2, p. 187-200, 1997.

HEINISCH, Reinhard; GRACIA, Oscar; LAGUNA-TAPIA, Andrés; MURIEL, Claudia. Libertarian populism? Making sense of Javier Milei's political discourse. *Social Sciences*, [S.l.], v. 13, n. 11, p. 599, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/socsci13110599> . Acesso em: 6 maio 2025.

LUNA, J. P.; ROVIRA-KALTWASSER, C. The right in contemporary Latin America: a framework for analysis. In: *The resilience of the Latin American right*. S.l.: s.n., 2014. p.1-22.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MUDDE, Cas. *The populist Zeitgeist*. Cambridge University Press, 2004.

OLIVER, J. Eric; RAHN, Wendy M. "Rise of the Trumpenvolk." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 667, no. 1, 17 Aug. 2016, pp. 189– 206, <https://doi.org/10.1177/0002716216662639> .

PÉREZ-DÍAZ, Pedro Luis; ARROYAS LANGA, Enrique. El populismo disruptivo de Javier Milei: análisis de su estrategia discursiva en redes sociales. *Estudios en Política y Sociedad. Investigación y Reflexión*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31637/epsir-2025-2064> . Acesso em: 6 maio 2025.

RENNÓ, L.; AVRITZER, L.; CARVALHO, P. D. de. Entrenching right-wing populism under COVID-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 36, p. e247120, 2021.

RETAMOZO, Martín. El populismo antipopulista de Javier Milei: demandas, discurso y política de la derecha radical en Argentina. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, Ciudad de México, v. 70, n. 253, 2025. (Ejemplar dedicado a: Current Trends and Challenges in International Scenarios). ISSN 2448-492X. ISSN-e 0185-1918.